UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES-ICHCA

MARIA VIVIANE ROMÃO DA SILVA

AS ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVEN E ADULTOS-EJA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.

MACEIÓ – AL
2024

MARIA VIVIANE ROMÃO DA SILVA

AS ATRIBUIÇÕES DO PROFESSOR DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVEN E ADULTOS-EJA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA) no curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alves Bezerra

MACEIÓ – AL
2024

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Capítulo

03

As atribuições do professor de história no processo de ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos-EJA: desafios e possibilidades

The duties of the history teacher in the teaching-learning process in the education of young people and adults-EJA: challenges and possibilities

Maria Viviane Romão da Silva

Graduanda do 9º período em História pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL

RESUMO

Este estudo apresenta resultados de estudos bibliográficos de autores do campo da educação e da história, tendo como objetivo problematizar algumas das principais atribuições do professor de história no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos-EJA. Partindo do pressuposto de que o professor historiador tem grande importância na formação acadêmica dos alunos e também desses indivíduos como cidadãos pensantes e críticos quanto a história do seu tempo, nas aulas de história o docente possibilita o aluno se identificar como sujeitos históricos dentro da sua realidade. Desse modo, o presente estudo visa trazer as aulas de história nas turmas de Educação de Jovens e Adultos--EJA, dentro do contexto complexo e plural das escolas na contemporaneidade, visando apresentar à docência em história dentro dos seus desafios e possibilidades.

Palavras-chave: história. professor de história. ensino-aprendizagem. aluno. EJA.

ABSTRACT

This study presents results of bibliographical studies by authors in

AYA Editora©

the field of education and history, aiming to problematize some of the main responsibilities of the history teacher in the teaching-learning process of students in Youth and Adult Education-EJA. Based on the assumption that the historian teacher has great importance in the academic training of students and also of these individuals as thinking and critical citizens regarding the history of their time, in history classes the teacher allows the student to identify themselves as historical subjects within their reality. Thus, the present study aims to bring history classes to Youth and Adult Education-EJA classes, within the complex and plural context of contemporary schools, aiming to present history teaching within its challenges and possibilities.

Keywords: history. history teacher. teaching-learning. student. EJA.

INTRODUÇÃO

O ofício de professor é muito anterior as primeiras instituições educadoras e ao desenvolvimento da escrita[1]. O professor ao exercer as suas atribuições, sua atuação em sala de aula se torna uma unanimidade de fundamental importância, mas quando se volta apenas para as prerrogativas do professor historiador é possível afirmar que esse é, além de educador, um agente formador de alunos e cidadãos para a sociedade.

Desde o seu estabelecimento como ciência, a história tem sido central para o entendimento dos acontecimentos e das estruturas sociais[2]. Diante disso, entende-se que o professor historiador não ensina na sala de aula apenas teorias sobre acontecimentos do passado, mas carrega consigo a atribuição de despertar o senso crítico dos alunos acerca de assuntos políticos, sociais e culturais da sociedade arcaica e contemporânea. Isto posto, no processo de ensino-aprendizagem, o docente de história atribui ao aluno a autoridade e a possibilidade de pesquisar sobre aquilo que lhe inquieta e é de seu interesse quanto problemática, podendo o aluno responder aos seus questionamentos por meio das bibliografias e sobretudo da metodologia e das fontes históricas (Chartier, 2022, p. 10)[3].

Levando-se em consideração a pluralidade e complexidade relacionadas as práticas sociais e culturais das escolas na contemporaneidade, esse estudo se volta para problematizar as demandas e o trabalho do professor de história e sua atuação no processo de ensino aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos - EJA, levando em consideração as dificuldades dos alunos quanto a disciplina de história e a falta de recurso da instituição da escola. Nesse sentido, as atividades laborais do professor de história no processo de ensino-aprendizagem dependem de algumas variáveis, como o grau de escolaridade para o qual esse leciona, o currículo escolar de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da

1 COSTA, Francisca Thais Pereira; SILVA, Maria Miraíre Pereira; BESSA, Valkiria Tatiane Pereira; CALDAS, Iandra Fernandes Pereira. A história da profissão docente: imagens e autoimagens. São Paulo: editora realize, 2014.
2 ALFAIA, Lilian, FERNANDES, Alexandre, FONTAURA, Yuna. A pesquisa histórica em estudos organizacionais no Brasil: uma análise paradigmática e novas perspectivas. Recife-PE. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional. Vol. 11, No. 1 p. 83-103 jan. /abr. 2013.
3 Chartier relaciona os interesses tudo que se produz sobre determinadas coisas/assuntos através dos periódicos, pois, representa aquilo que é de interesse de quem o produziu através do que o autor chama de "A vontade de verdade". Portanto, Chartier ressalta a importância de se questionar e duvidar as fontes escolhidas para pesquisar determinados objetos. In. CHARTIER, Roger. Verdade e Prova: História, Retórica, Literatura, Memória. In. Rev. Hist., n. 181. São Paulo. Dossiê Autoria e Autoridade. 2022. p. 4.

Educação Nacional-LDB[4], o contexto social no qual os alunos estão inseridos, no âmbito de suas especificidades culturais. Caimi (2015) contextualiza essas atribuições:

> Para ensinar história não basta, por suposto, possuir conhecimentos históricos, ter alguma formação pedagógica ou conhecer algo de psicologia da aprendizagem. Tenho utilizado essa frase de efeito para chamar a atenção de meus interlocutores da necessidade de superar visões reducionistas que defendem a supremacia do domínio do conhecimento histórico na tarefa docente ou que indicam a suficiência dos saberes pedagógicos em detrimento do saber disciplinar, ou ainda que valorizam prioritariamente o polo discente, posição traduzida na retórica de que é preciso "conhecer a (e partir da) realidade do aluno". (Caimi, 2015, p.8).

Partindo da perspectiva de Caimi, possuir conhecimentos históricos e uma formação pedagógica ainda não são critérios suficientes para atuar em sala de aula como professor historiador. A autora evidencia a importância de se conhecer o aluno a partir da sua realidade social e cultural, de maneira que a contextualização de determinada aula não venha de alguma forma excluir esse indivíduo de debates fomentados em sala de aula, acerca de assuntos que sejam muito particulares da realidade desse estudante, de forma direta ou indireta. Diante disso, é importante ressaltar que os alunos do EJA são alunos que não tiveram acesso à educação ou que por motivos socioeconômicos precisaram se ausentar da sala de aula, o que demanda do professor historiador uma atenção maior para incluir esses alunos nos debates, levando em consideração a sua realidade acadêmica e pessoal.

Educação de jovens e adultos na contemporaneidade: desafios e possibilidades no processo de ensino-aprendizagem

Considerando as dificuldades enfrentadas historicamente por muitos alunos brasileiros, que vivem num parâmetro de pobreza e miséria, legitimar o direito de acesso à educação independentemente da idade do estudante que está buscando a instituição da escola, é possibilitar o cumprimento dos seus direitos sociais e exercício da cidadania (Santos, 2018, p. 2). Isto posto, se entende que a Educação de Jovens, Adultos-EJA é o retrato das desigualdades sociais existentes no Brasil, de modo que surge como uma solução encontrada pelo governo para diminuição dos índices de analfabetismo (Belther; Testoni, 2022, p. 97-98).

Nas décadas de 60 e 70, durante o governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira[5], a educação de Jovens e Adultos surge como necessidade de uma mão de obra mais qualificada que se acentua nessas décadas (Claro; Pereira, 2021, p. 3). Nesse panorama, a educação era vista como uma preparação do indivíduo para o mercado de trabalho, a ideia de ensino-aprendizagem como resultado educacional surge neste contexto da década de 1960 com Paulo Freire [6], que reforça a educação como um direito de todos. Nessa

4 A LDB é a mais importante lei brasileira que se refere à educação. Esta lei foi aprovada em dezembro de 1996 com o número 9394/96, foi criada para garantir o direito a toda população de ter acesso à educação gratuita e de qualidade, para valorizar os profissionais da educação, estabelecer o dever da União, do Estado e dos Municípios com a educação pública. Um marco na regulamentação do ensino no país, trouxe importantes inovações e permitiu colher avanços significativos. In. NOVO, Benigno Nunez. Leis de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/direito/leis-diretrizes-bases-educacao-comentarios.htm. Acesso em: 07 dez. 2023.

5 Juscelino Kubitschek, também conhecido como JK, foi um político brasileiro que esteve na presidência de nosso país entre 1956 e 1961. Médico por formação, ele ingressou na política na década de 1930, sendo prefeito de Belo Horizonte, governador de Minas Gerais e presidente do Brasil. Foi o responsável pela construção de Brasília na década de 1950. SILVA, Daniel Neves. "Juscelino Kubitschek"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/juscelino-kubitschek.htm. Acesso em 27 de ago. de 2023.

6 Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) foi um educador, escritor e filósofo pernambucano. Tendo sua formação inicial em Direito, Freire desistiu da advocacia e atuou durante o início de sua carreira como professor de Língua Portuguesa no Colégio Oswaldo Cruz, instituição em que o professor havia concluído o Ensino Básico. Freire também trabalhou

perspectiva, Freire compreendia o processo educativo a partir das experiências vividas pelos alunos.

> A ideia básica do Método Paulo Freire é a adequação do processo educativo às características do meio: mas Paulo Freire encontra o modo de realizar esta associação, necessariamente, como característica intrínseca do processo educativo. A semelhança de muitas outras importantes descobertas, o seu método também apresenta notável simplicidade. Começava por localizar e recrutar os analfabetos residentes na área escolhida para alfabetização. Prosseguia mediante entrevistas com os adultos inscritos nos "círculos de cultura" e outros habitantes selecionados entre os mais antigos e os mais conhecedores da localidade. Registrava-se literalmente as palavras dos entrevistados à propósito de questões referidas às diversas esferas de suas experiências vividas na família, no trabalho, nas atividades religiosas, políticas, recreativas etc. O conjunto das entrevistas fornecia aos educadores uma extensa relação das palavras de uso corrente na localidade. Essa relação era entendida como representativa do universo vocabular local e dela e extraíam as palavras geradoras- unidade básica na organização do programa de atividades e na futura orientação dos debates que teriam lugar nos "círculos de cultura". (Beisiegel, 1974, p.165, *apud* Piletti, 2021, p.211-212).

Partindo desta perspectiva, Paulo Freire alfabetizava os Jovens e Adultos através do que ele chamava de "palavras geradoras"[7], usando vocábulos que faz parte da realidade do estudante, como uma maneira de facilitar o processo de alfabetização. Esse modo de ensinar caiu em desuso, e muito provavelmente foi pouco usado pelos docentes contemporâneos, mas é uma metodologia importante a ser discutida durante a formação de professores historiadores, para que tenham conhecimento da importância de se ensinar levando em consideração a realidade social e cultural que o aluno está inserido.

Embora Paulo Freire tenha discutido na década de 1960 a educação de Jovens e Adultos por meio das experiências cotidianas desses sujeitos, até a segunda metade do século XX, essa modalidade de ensino ainda era pouco discutida. Visto que apenas em 1996 a Educação de Jovens e Adultos-EJA foi implementada legalmente no Brasil, por meio da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (Becker; Keller, 2020, p. 2), destinada a alunos que não estudaram na idade escolar apropriada em atendimento a demanda de jovens e adultos analfabetos ou afastados do ambiente escolar por muitos anos e decidem voltar por alguma razão, que geralmente é a vontade de aprender, a aproximação com essa modalidade de ensino e os debates que o circundam vem acontecendo de maneira gradual.

Vale ressaltar aqui que a maioria dos alunos que estudam nas turmas de EJA trabalham durante o dia e buscam estudar a noite, como uma maneira de se qualificar para o mercado de trabalho, visto que esse está exigindo níveis de estudos cada vez mais elevados para que o trabalhador conquiste o seu espaço no mercado de trabalho e uma remuneração razoável. Com isso, esses estudantes se dedicam inteiramente ao trabalho, o que segundo a historiadora brasileira Déa Ribeiro Fénelon (2008, p.28) isso se caracteriza pela insegurança intelectual:

para o Serviço Social da Indústria (SESI) como diretor do setor de educação e cultura, além de ter lecionado Filosofia da Educação na então Universidade de Recife. Paulo Freire foi agraciado com cerca de 48 títulos, entre doutorados honoris causa e outras honrarias de universidades e organizações brasileiras e do exterior. É considerado o brasileiro com mais títulos de doutorados honoris causa e é o escritor da terceira obra mais citada em trabalhos de ciências humanas do mundo: Pedagogia do oprimido. PORFÍRIO, Francisco. "Paulo Freire"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm. Acesso em 27 de ago. de 2023.

7 As palavras geradoras são vocábulos e linguagens que fazem parte do cotidiano de determinado indivíduo. Essas falas eram usadas por Paulo Freire no processo de alfabetização afim de facilitar a aprendizagem, uma vez que os termos usados estavam dentro da realidade do estudante.

> Ao impacto do enfrentar o mercado de trabalho com todas as suas complexidades e todos os seus desgastantes problemas estruturais, se junta à insegurança intelectual da falta do conhecimento, da inibição para qualquer proposta alternativa, porque fora dos padrões a ele impostos como científicos.

Os alunos das turmas de EJA muitas vezes ficam dispersos nas aulas de história e não conseguem entender o contexto do assunto que está sendo lecionado pelo professor, sendo esses conteúdos que vão desde a pré-história até a história contemporânea. Isso acontece sobretudo porque na maioria das vezes o estudante não consegue se sentir parte dessa história apresentada em sala, porque em nenhum momento da aula esse aparece como sujeito da narrativa, o que evidencia a importância de inserir esses indivíduos em debates historiográficos que sejam apresentados como agentes da sua história, do seu lugar e do seu tempo. Esse fato não se dá, nas turmas de EJA, por terem passado muito tempo afastados da sala de aula, mas por não se encontrarem representados nessa história. Diante disso, segundo Alcântara (2016):

> É através da percepção de suas experiências de vida individual e coletiva que o aluno pode incorporar com maior propriedade os saberes escolares de forma crítica e contínua, melhorando sua compreensão do cosmos que o cerca e melhorando sua ação/interação social. Desse modo, o estudo da História pode partir da compreensão e reconstrução da vida cotidiana, simples, para que seja possível compreender essa dimensão na vida das outras pessoas e perceber que o homem, vivendo em conjunto, pode criar desde manias pessoais até grandes questionamentos existenciais. Ao tomar a experiência histórica/cultural de personagens ou grupos específicos ligados a um tempo/espaço, podemos tornar mais claras as relações que estes trazem do passado e como se reelaboram no presente. (Alcântara, 2016, p. 6-7)

Levando em consideração a concepção do autor, é evidente que uma das principais atribuições do professor de história, enquanto formador de pessoas dentro do seu contexto político, social e cultural, é situar esse indivíduo na historiografia, levando em consideração as suas próprias experiências individuais e sociais, ajudando o aluno a se identificar como sujeito participante da história. A partir dessa reflexão, o estudante será capaz de observar de maneira crítica outros objetos de pesquisa no tempo e no espaço, de maneira que esses poderão compreender melhor a dimensão e ligação das sociedades e culturas, cada uma com as suas especificidades, de modo que esse resgate a sua memória coletiva acerca da sua história. Diante disso, o historiador francês Jacques Le Goff (1990, p. 29) ressalta:

> Em primeiro lugar, porque há pelo menos duas histórias e voltarei a este ponto: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado. É desejável que a informação histórica, fornecida pelos historiadores de ofício, vulgarizada pela escola (ou pelo menos deveria sê-lo) e os *mass media*, corrija esta história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros.

Considerando a perspectiva de Le Goff (1990) sobre história e memória, se entende a importância de resgatar e debater nas aulas de história o aluno como agente protagonista da sua história, de maneira que esse possa resgatar aquilo que foi vivido por ele, de modo que os acontecimentos possam ser resgatados fazendo relações entre o presente e o passado. Vale ressaltar que diante dessa atividade os alunos podem resgatar acontecimentos que o marcou de maneira positiva ou negativa, de modo que esses fatos podem ser, nesse momento de socialização, reinterpretados e ressignificados por esse aluno, de modo que nas turmas de Educação de Jovens e Adultos-EJA essa atividade permite a socialização desses alunos dentro da sua realidade.

A atuação do professor historiador nas turmas de Educação de Jovens e Adultos-EJA

Thompson (1998), historiador inglês que trata das questões de costumes[8], sugere que essas práticas servem como mecanismo de transmissão entre gerações (Thompson, 1998, p.17). Diante disso, a perspectiva que grande parte dos alunos tem acerca da aula de história e do professor historiador, é uma visão de conteúdos voltados para decorar datas e relatar fatos do passado irrelevantes para o presente. Isso se da pela maneira como as aulas de história, em detrimento dos costumes citado Thompson (1998), se perpetuam até a contemporaneidade.

Diante disso, é importante que o professor historiador tenha conhecimento durante a sua formação e nas aulas de história se voltem para essa ciência, de modo que não considera os acontecimentos contínuos e linear, mas como irrupções de acontecimentos que podem ser interpretados no presente de diferentes maneiras (Foucault, 1989, p.10). Interpretar a história da maneira posta pelo autor, permite que o historiador, por meio do seu ofício em atuação na sala de aula, se desprenda da linha do tempo que amarra muitos acontecimentos históricos, e mostre ao aluno possibilidades de interpreter e escrever sobre um determinado fato, estando esse distante ou perto da realidade do estudante.

Além de entender a história como uma ciência formada por irrupções de acontecimentos (Foucault, 1989, p.10), o professor de história na atuação de ensino nas Educação de Jovens e Adultos-EJA, deve entender que as aulas de história não se tratam apenas da transmissão de conteúdos, os que ficam sob a responsabilidade do aluno de aprender, de modo que

> A impressão, pelo menos para o observador não treinado, pode ser a de que o professor só precisa voltar-se para a classe e "transmitir" algum conteúdo, para que os alunos sob sua responsabilidade aprendam. A classe é organizada, os materiais de ensino estão facilmente a mão, os alunos reagem adequadamente as questões ou orientações apresentadas pelo professor e a atmosfera de aprendizagem resultante é marcada pelo apoio (Butt, 2009, p.15).

Como supracitado pelo autor, para o indivíduo que visa as aulas dessa forma, se trata apenas de "transmitir" conhecimentos, principalmente quando se trata das aulas de história. Contudo, dentro do contexto complexo e plural da sala de aula, os alunos, o conteúdo e os recursos são requisites que não funcionam em sintonia, são requisitos e obrigações do professor historiador proporcionar a interação desses mecanismos através de dedicação e sobretudo planejamento das suas aulas.

Cabe aqui mencionar também que no Brasil muitos indivíduos ainda exercem clandestinamente a função de docente nas séries iniciais da educação básica, sem ter nenhum preparo para a sala de aula e nem a formação mínima que pede a legislação em vigor, na maioria das vezes esses indivíduos não possuem nenhuma capacitação para o exercício desse trabalho (Vasconcelos, 2012, p.15)[9]. Em seu artigo 62 a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.393 de 1996 determina que:

8 THOMPSON, E. P. Costumes em Comum. Revisão Técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-14.

9 No livro "Educação básica: a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação", a autora evidencia por meio do censo de 2009 a quantidade de professores sem formação que exercem à docência na educação básica:12.480 docentes cursaram apenas o ensino fundamental e 624.320, somente o ensino médio regular (Vasconcelos, 2012, p.15).

> Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 1996)

Desse modo, o nível superior corresponde a formação mínima para execução da atividade de docente. Exercer à docência como pedagogo sem a devida formação acarreta grandes problemas para as séries iniciais do estudante, uma vez que a alfabetização do aluno é uma das fases mais importantes no processo de ensino-aprendizagem, no qual o acompanhamento de um profissional capacitado nessa fase escolar do aluno é de fundamental importância. Diante disso, com a devida alfabetização inicial esse aluno não terá tanta dificuldade nas séries seguintes, visto que esse teve um bom acompanhamento no início do seu desenvolvimento cognitivo.

A interação entre professor e aluno é um fator muito importante no processo de ensino-aprendizagem (Vasconcelos, 2012, p.42). A escola como unidade educadora proporciona várias possibilidades de interações entre o educador e a comunidade escolar como um todo, o cenário da sala de aula é onde ocorre essas interações de maneira mais direta.

> A interação está na base das relações humanas, assim como no alicerce da formação da identidade de cada indivíduo, na medida em que ele se percebe, influenciado pela percepção que dele tenham. Tal interação- a de professor-aluno – dá-se por conta do exercício desses dois papéis sociais, ambos fundamentais para a ação educativa. Tais papéis são complementares e estruturam-se um a partir do outro; as ações de um são orientadas pelas (re)ações do outro (Vasconcelos, 2012, p.42).

Partindo da colocação de Vasconcelos (2012) acerca da interação existente entre professor e aluno na sala de aula no processo de ensino-aprendizagem, tal aproximação em alguns momentos permite a atenção e participação do aluno na aula, mesmo que esse de alguma forma não tenha interesse no assunto que está sendo lecionado, mas pelo respeito a autoridade do professor. Vale ressaltar que a interação aqui mencionada é uma construção diária em sala de aula entre educador e educando.

Nessa perspectiva, o historiador precisa considerar o processo de ensino aprendizagem de história como uma atividade de constante desmistificação, na qual os estudantes precisarão serem situados no tempo e no espaço, para que entendam as relações entre passado e presente. Fazer paralelos entre a realidade do aluno e os conteúdos abordados é uma maneira de facilitar a compreensão desse sujeito. Trabalhar conteúdos que envolvem a realidade do estudante, o que segundo a metodologia Freiriana[10], facilita o entendimento:

> A ideia básica do Método Paulo Freire é a adequação do processo educativo às características do meio: mas Paulo Freire encontra o modo de realizar esta associação, necessariamente, como característica intrínseca do processo educativo. A semelhança de muitas outras importantes descobertas, o seu método também apresenta notável simplicidade. Começava por localizar e recrutar os analfabetos residentes na área escolhida para alfabetização. Prosseguia mediante entrevistas com os adultos inscritos nos “círculos de cultura” e outros habitantes selecionados entre os mais antigos e os mais conhecedores da localidade. Registrava-se literalmente as palavras dos entrevistados à propósito de questões referidas às diversas

10 A metodologia Freiriana, é um método inovador que valoriza sobretudo a importância de aprender e não de ensinar. Este método considera ainda o contexto do aprendiz e suas especificidades já que quem aprende é o aluno e o método deve atender o seu desenvolvimento. Metodologia Freiriana – educação para autonomia e Liberdade. Disponível em: https://idocode.com.br/blog/educacao/metodologia-freiriana/#:~:text=A%20metodologia%20freiriana%2C%20inclusive%20para,deve%20atender%20o%20seu%20desenvolvimento. Acesso em: 19 jul. 2023.

> esferas de suas experiências vividas na família, no trabalho, nas atividades religiosas, políticas, recreativas etc. O conjunto das entrevistas fornecia aos educadores uma extensa relação das palavras de uso corrente na localidade. Essa relação era entendida como representativa do universo vocabular local e dela e extraíam as palavras geradoras- unidade básica na organização do programa de atividades e na futura orientação dos debates que teriam lugar nos "círculos de cultura". (Beisiegel, 1974, p.165, *apud* Piletti, 2021, p.211-212).

Levando em consideração a colocação de Piletti (2021) acerca da metodologia de Paulo Freire, referência mundial em educação, e em especial alfabetização de adultos, evidencia que ensinar o aluno com exemplos que fazem parte do seu cotidiano facilita o processo de aprendizagem, uma vez que esse é ensinado dentro da sua realidade social, cultural e pessoal. Com isso, o professor historiador como agente formador de cidadãos críticos e pensantes, deve reconhecer a necessidade de se ensinar a história quanto ciência considerando o âmbito social e cultural do aluno, de modo que esse seja representado como sujeito histórico durante as aulas, de maneira que facilite a aprendizagem e interação desses discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade atuação do professor historiador nas turmas de Educação de Jovens e Adultos - EJA se torna uma tarefa árdua e desafiadora, uma vez que se trata de discentes que passaram muito tempo longe da sala de aula e decidem retornar com a finalidade de aprender ou se capacitar melhor para o mercado de trabalho, sendo esse último um dos principais motivos desse retorno ao âmbito escolar. Diante desse cenário complexo que da instituição da escola que se depara esse aluno, o mesmo quase que automaticamente começará a selecionar aquelas aulas que lhe convém e que alguma maneira contribuirá para o seu crescimento intelectual. Com isso, o professor historiador, no processo de ensino-aprendizagem desses alunos deve considerar as suas lutas e atribuições, visando representar esses sujeitos como agentes da sua própria história.

Isto posto, os alunos do EJA poderão visar as aulas de história não somente como decorar datas e narrar acontecimentos, mas como uma construção de memórias que resultaram no sujeito que o aluno é naquele momento da aula (Le Goff, 1990, p. 29). Essa metodologia permite a interação dos alunos e evidencia que não somente os acontecimentos europeizados apresentados para eles como história fazem parte dessa ciência, mas todos os acontecimentos que são tratados como fatos e escritos/narrados pelo historiador no tempo presente.

Assim, considerando método de Paulo Freire (Beisiegel, 1974, p.165, *apud* Piletti, 2021, p.211-212) quanto a educação de adultos, ensinar dentro da realidade dos discentes é facilitar o entendimento daquilo que está sendo transmitido quanto conteúdo histórico. Ademais, é uma maneira facilitada de dar voz ao aluno para que ele relate as suas experiências quanto aluno e trabalhador, que é a realidade da maioria dos alunos das turmas de EJA. Com isso, esses alunos além de interpretar e reinterpretar a sua realidade na sociedade e instituição da escola de maneira crítica e reflexiva, traz para a sala de aula as suas experiências nunca relatadas, mas merecem voz, podendo se tornar novas fontes e novos objetos de estudos, por meio da chamada Nova História (Burke, 1992, p. 9-10).

Portanto, o professor historiador é agente importante no ensino aprendizagem de Jovens e Adultos, visto que esse tem a função de formar cidadãos críticos e pensantes, podendo evidenciar para os alunos que as irrupções de acontecimentos (Foucault, 1989, p.10) que circundam a sua vida podem ser considerados objetos de estudos. Com isso, se entende que o professor de história além de dar ao aluno caminhos para pensar a sociedade de maneira crítica, possibilita também que o discente durante as suas aulas e para além do ambiente da sala de aula, possa relatar de maneira oral ou escrita aquilo que lhe foi silenciado, mas que ele sente a necessidade de relatar.

REFERÊNCIAS

ALFAIA, Lilian, FERNANDES, Alexandre, FONTAURA, Yuna. A pesquisa histórica em estudos organizacionais no Brasil: uma análise paradigmática e novas perspectivas. Recife-PE. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional. Vol. 11, No. 1 p. 83-103 Jan./Abr. 2013.

ALCÂNTARA, Paulo Davi Cardoso. O ensino de história de Alagoas em turmas do ensino fundamental II por meio audiovisual online: contextos, desafios e caminhos. Alagoas, 2016.

Artigo 62 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11686325/artigo-62-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996. Acesso em: 17 ago. 2023.

BECKER, Elsbeth Léa Spode; KELLE, Lenir. A trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Seção: políticas públicas- ensaio dissertativo, 2020. Disponível em: https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2777. Acesso em: 11 dez. 2023.

BELTHER, Josilda Maria; TESTONI, Solange Aparecida de Aquino. Educação de Jovens Adultos e Idosos: o reconhecimento da diversidade e o direito da educação para todos. RECET, Presidente Epitácio, SP, v.3, n.2, jul-dez 2022, p. 96-108.

BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992)

BUTT, Grahan. O planejamento de aulas bem sucedidas. 2.ed. São Paulo: Special Book Services, 2009.

CAIMI, Flavia Eloisa. O que precisa saber um professor de história? História e Ensino, Londrina, v.21, n.2, p. 105-124, jul. /dez. 2015.

COSTA, Francisca Thais Pereira; SILVA, Maria Miraíre Pereira; BESSA, Valkiria Tatiane Pereira; CALDAS, Iandra Fernandes Pereira. A história da profissão docente: imagens e autoimagens. São Paulo: editora realize, 2014.

CHARTIER, Roger. Verdade e Prova: História, Retórica, Literatura, Memória. In. Rev. Hist., n. 181. São Paulo. Dossiê Autoria e Autoridade. 2022.

CLARO, Lisiane Costa; PEREIRA, Roberta Avila. Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) e a Educação Popular. Seminário de formação docente intersecção entre universidade e escola. São Paulo, 2021.

Metodologia Freiriana – educação para autonomia e Liberdade. Disponível em: https://idocode.com.br/blog/educacao/metodologia-freiriana/#:~:text=A%20metodologia%20freiriana%2C%20inclusive%20para,deve%20atender%20o%20seu%20desenvolvimento. Acesso em: 19 jul. 2023.

FENELON, Déa Ribeiro. A formação do profissional de história e a realidade de ensino. Tempos históricos, volume 12- 1° semestre, João Pessoa, 2008.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 8 ed. Rio de Janeiro. Gral, 1989).

PILETTI, Claudino, PILETTI, Nelson. História da educação: de Confúcio a Paulo Freire. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2021.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas-SP. Editora Unicamp, 1990.

NOVO, Benigno Nunez. Leis de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/direito/leis-diretrizes-bases-educacao-comentarios.htm. Acesso em: 07 dez. 2023.

PILETTI, Claudino, PILETTI, Nelson. História da educação: de Confúcio a Paulo Freire. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2021.

PORFÍRIO, Francisco. “Paulo Freire”; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/biografia/paulo-freire.htm. Acesso em 27 de ago. de 2023.

SANTOS, Javan Samir Araújo dos. A Educação de Jovens Adultos e Idosos (EJAI) como política pública em Alagoas: perspectivas anunciadas para o trabalho docente. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

SILVA, Daniel Neves. “Juscelino Kubitschek”; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/juscelino-kubitschek.htm. Acesso em: 27 de ago. 2023.

THOMPSON, E. P. Costumes em Comum. Revisão Técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 13-14.

VASCONCELOS, Maria Lucia. Educação Básica: A formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação. São Paulo: Contexto, 2012.